

A ATRIZ APUNHALADA

Warley Matias de Souza

A ATRIZ APUNHALADA



Souza, Warley Matias de, 1974-

A atriz apunhalada / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2023.

63 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-75711-8

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

A ATRIZ APUNHALADA

Copyright © 2023 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Estudo para Ofélia*, de John Everett Millais.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

1. Orlando Stuart decidiu fazer mais uma adaptação de *Hamlet*, obra de Shakespeare. Optou por algo sombrio, o palco era todo coberto por um tecido escuro. Aliás, as águas em que Ofélia se afogava eram feitas de sacos de lixo pretos. O diretor, e também produtor da peça, era um homem de cinquenta anos, uma espécie de maldito no meio teatral, conhecido por criar monólogos dos personagens shakespearianos. No cenário negro, via-se parte de um cemitério, que não apresentava um limite claro com o lago onde morria a pálida donzela Ofélia. Este estava embaixo de uma árvore negra. Havia também um caixão e muitas velas no cenário, em castiçais de metal barato.

2. Cada ator entrava com um crânio na mão. Segurava-o pelos olhos, como se fosse uma bola de boliche. Orlando Stuart queria relacionar o pensamento humano a uma coisa banal. Então o ator ou atriz olhava pro crânio e fazia o monólogo. O de Ofélia seria o penúltimo. Dois atores tinham passado pelo palco. A música, um traço barroco na obra do diretor, começou a tocar. Era um sinal pra entrada da atriz. Porém, ela não entrou.

3. Os cinco espectadores começaram a ficar inquietos. E, pra complicar ainda mais a situação, a luz que iluminaria Ofélia apagou-se definitivamente.

4. O diretor entrou no palco, pegou um dos castiçais e dirigiu-se ao pequeno público: “Pedimos desculpa pelo transtorno, mas a energia elétrica acabou, e o teatro não possui gerador”.

5. Orlando Stuart foi salvo do constrangimento quando a atriz que fazia a rainha Gertrudes deu um grito vindo lá do camarim e disse alto e em bom som, com uma voz testosteronada: “Caralho!”.

6. O diretor deu as costas ao público e dirigiu-se ao camarim. Os integrantes da equipe (os atores, que também eram cenógrafos, sonoplastas, iluminadores, figurinistas e bilheteiros) estavam agitados.

7. Impaciente, um dos espectadores, um homem gordo e alto, decidiu ir embora. Mas logo voltou, irritado: “Putaquepariu, estamos ilhados aqui. Lá fora está um pé-d’água! E a água já invadiu o saguão do teatro”. “Sorte que estamos no segundo andar”, disse uma moça. “Sorte?”, retrucou o homem. “Há controvérsia.”

8. O diretor voltou ao palco. O castiçal em sua mão tremia, enquanto Orlando Stuart falava: “Sentimos muito, mas não poderemos finalizar o espetáculo. Podem voltar às suas casas. E boa noite”. O homem gordo disse: “Impossível, ho-

mem. Lá fora cai um toró, e seu teatro já está sendo inundado”. “Caralho, rapaz, caralho.” Todos perceberam o estado do diretor, que começou a chorar e sentou-se na borda do palco, os pés pendurados, os ombros caídos a sacudirem-se chorosos. Enquanto isso, lamentava-se: “Não aguento mais. Sou um fracasso! Minha peça é um fracasso! Minha vida é um fracasso! Tenho cinquenta anos, e ninguém respeita o meu trabalho. Isto aqui é o fundo do poço. Teatro inundado, sem luz, e uma atriz apunhalada”.

9. Os cinco espectadores ficaram agitados. “Como é que é?”, rosnou o homem gordo. “Isto é uma brincadeira? Esta é uma daquelas peças que exigem a participação do público? Paguei pra ver o tal do *Hamlet*, pois todo mundo já viu essa porra de peça, não queria ficar pra trás.” Ainda lacrimoso, o diretor defendeu-se: “Não enganamos ninguém. Está bem claro no anúncio: ‘Uma leitura gótica e stuartiana de *Hamlet*, de William Shakespeare’.”. Então, um homem de mais ou menos quarenta anos, negro, cabelo *black-power*, magro, camisa de malha, bermuda *jeans* e sandália de couro, com uma voz rouca e forte, falou: “Quer dizer que houve um assassinato aqui?”. Se fosse outra ocasião, o diretor o convidaria pra atuar em uma de suas peças experimentais, pois aquela era a voz possante de um ator de teatro. “Onde está o corpo?”, perguntou o homem de voz rouca. “Lá atrás”, indicou o diretor, com o castiçal.